

EDUCAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A PERCEPÇÃO DE FAMÍLIAS NEGRAS NO MUNICÍPIO DE CUIABÁ

GOMES¹, Márcia Regina Luiz – UFMT – marcia_reginagomes@yahoo.com.br

GT: Afro-Brasileiros e Educação / n.21

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Mesmo após cem anos da libertação da escravatura, os negros brasileiros permanecem em situação de desigualdade. Ao verificarmos os indicadores sociais constatamos que estas desigualdades são tão intensas e estão diretamente relacionadas com o pertencimento racial, que associadas as diferentes formas de discriminação, impedem o desenvolvimento das potencialidades e o progresso da população negra (Henriques, 2001).

Neste texto, tentaremos fazer um diálogo teórico sobre as dificuldades do processo de escolarização dos filhos de famílias negras em nosso país, devido essas desigualdades sociais que atingem o negro brasileiro. Primeiramente, serão levantadas algumas questões que tem sido abordada nos estudos das famílias negras, em especial aquelas que apontam para a especificidade da estrutura familiar dos negros.

Os estudos sobre famílias negras foram mais desenvolvidos nos Estados Unidos da América e de maneira geral, os primeiros trabalhos a abordaram através da questão da adaptação da ex-família escrava à sociedade capitalista industrial.

Vários autores as caracterizaram como construindo lares “quebrados” em que mulheres com seus filhos representavam a grande maioria dos arranjos familiares entre os negros (Frauzier, 1939; Davis e Havighurts, 1946; Daí, 1949; Moynihan, 1965; Billingsley, 1968; Hymaan e Reed, 1969; Mogy, 1970; Hill, 1972; Stack, 1979 e Mcqueen, 1979).

Segundo Teixeira (2005 P. 14):

O enfoque principal desses trabalhos era o de levantar os problemas de sua adaptação à sociedade abrangente e através deles emergiu, tanto na academia

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso e Pesquisadora do NEPRE – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação.

quanto no senso comum, a imagem da anomia como característica das famílias negras. O ponto de vista patológico de alguns autores como Frauzier e Moynihan convergiram para formar um quadro da família negra como dominada pelo papel das mulheres. Chegou-se a fazer menção ao conceito de matriarcado negro, por causa da frequência de lares desfeitos e da insuficiência econômica do homem negro, características que convergiram para a construção de famílias negras, na sua maior parte, incompletas, instáveis, frágeis e desorganizadas quanto a sua estrutura social.

Portanto os arranjos familiares do meio negro teriam pouca chance de progredir no seu processo adaptativo à sociedade mais ampla, essa situação foi atestada estatisticamente nos EUA pelo crescimento das famílias chefiadas por mulheres negras com seus filhos.

Pouco se tem produzido no sentido de avançar nos estudos da família negra brasileira, levantando novos elementos para debate.

Os dados do censo de 1980, analisados por Teixeira, sobre arranjos familiares de brancos e negros contribuem, também para relativizar a existência de um modelo de família negra em comparação com as famílias brancas ou de baixa renda. Esta autora constatou que, embora as famílias de chefe sozinho estejam um pouco mais presentes entre os negros, percentualmente, este tipo de família não é tão representativo para o total das famílias negras. A família nuclear (chefe, cônjuge e filho) constitui 76% das famílias brancas e 70,3% das famílias negras; as famílias de chefes sozinhas alcançam 11% e 14,5%, respectivamente, indicando, pois, que esse tipo de arranjo familiar não é o tipo característico da família negra no Brasil.

Em relação à média dos rendimentos, as famílias negras percebem apenas 44,2% do rendimento médio das brancas, ao mesmo tempo em que a avaliação na presença de todas as variáveis, cor, renda e tipo de família, demonstrou que as famílias negras constituem as famílias mais pobres em qualquer arranjo familiar.

Neste sentido, no Brasil, pesquisas têm demonstrado que as relações sociais estão marcadas pela desigualdade, em que o fator cor/raça é determinante para a exclusão ou inclusão dos indivíduos.

Estudos mostram, que o ambiente escolar está impregnado de um racismo difuso, silencioso, fundamentado na cristalização das imagens negativas presentes no imaginário

social, afetando especialmente o desempenho escolar e a auto-estima dos alunos negros. Cavalleiro (2003); Oliveira (1994) entre outros.

Embora, não são muitos ainda os estudos que buscam entender a escolarização do ponto de vista das famílias, o objetivo desta pesquisa é conhecer a percepção das famílias negras quanto ao tratamento dispensado a seus filhos no ambiente escolar por parte dos professores e colegas; bem como questionar como reagem quando deparam com situações de discriminação racial contra seus filhos no ambiente escolar, visto que há um número elevado de crianças negras que estão sendo excluídas da e na sala de aula por uma descrença na sua capacidade de aprendizagem, descrença esta, vinculada a um mecanismo de discriminação negativa e preconceituosa presente no imaginário social. No plano das relações aluno-aluno; professor-aluno e professor-família, a escola reproduz o esquema estrutural da relação brancos e negros da sociedade brasileira, que é uma relação de dominação-subordinação, ou seja, uma relação assimétrica entre dois grupos raciais e nos lares dos alunos negros as diferenças são silenciadas segundo Cavalleiro (2003 p. 100):

O silêncio, ali reinante, quer acalantar, proteger do sofrimento que sabemos, irá ao seu encontro. Assim, a família protela, por um tempo maior, o contato com o racismo da sociedade e com as dores e perdas dele decorrentes, 'silencia' um sentimento de impotência ante o racismo da sociedade que se mostra hostil e forte 'silencia' a dificuldade que se tem em se falar de sentimentos que remetem ao sofrimento. 'Silencia' o despreparo do grupo para enfrentamento do problema, visto que essa geração também *apreendeu o silêncio e foi a ele condicionada na sua socialização.*

Como evidenciado através de pesquisas acadêmicas, a família da criança negra devido a todo esse processo excludente vivido na sociedade brasileira, deixa seu filho fora do contexto discriminatório dentro do lar na tentativa de protegê-lo.

As famílias de classe média incentivam seus filhos, devido ao conhecimento que possuem sobre assumir a identidade negra.

Porém as famílias de estrato mais baixo que por sinal é a grande maioria cala-se. Quando a criança negra chega no ambiente escolar sofre toda uma gama de discriminação quanto a sua cor, tanto por parte dos colegas e principalmente dos professores que não sabem como lidar com a situação. Segundo CUNHA (1987 p.52):

Em todas as situações nos parece haver uma indecisão dos pais devido, em parte, ao fato deles não acreditarem na existência do racismo brasileiro, ou por

procurarem sistematicamente negá-lo, pois admiti-lo é admitir a condição de ser inferior. Outro motivo da indecisão relaciona – se aos resultados do protesto motivado pela injustiça sofrida. Primeiro porque a existência mostra que tal protesto não é levado em conta por ninguém, segundo porque ficam por vezes com medo da criança ficar marcada e ser perseguida.

A metodologia que está permeando a pesquisa é a qualitativa, pois proporciona ao pesquisador um contato com a realidade a ser investigada. Primeiramente foram levantados dados bibliográficos com relação ao histórico do racismo, cor, preconceito, educação, famílias negras, etc.

Na seqüência foram distribuídos questionários com perguntas sobre o perfil sócio-econômico dos sujeitos envolvidos na pesquisa, que estão sendo analisados, obtendo desta forma um conhecimento mais abrangente sobre esses sujeitos. Em seguida serão realizadas entrevistas semi – estruturadas com as famílias envolvidas, seguida da análise dos dados em consonância com os teóricos escolhidos.

A pesquisa está sendo realizada, em duas escolas públicas municipais da cidade de Cuiabá no estado de Mato Grosso. Uma das escolas encontra-se situada num bairro da zona periférica e a outra situada na zona mais central da cidade. A escolha de escolas localizadas em regiões distintas da cidade se deu por entendermos que haveria variações que podem resultar da condição social e econômica das comunidades mais periféricas e as comunidades mais centrais do município de Cuiabá. Considera-se, portanto, que essas variações podem ser consideravelmente significativas para esta pesquisa. Participam desta pesquisa quatorze famílias de alunos de 1ª e 4ª série do ensino fundamental das duas escolas envolvidas na pesquisa.

Os resultados obtidos parcialmente revelam que as famílias muitas vezes percebem a questão da discriminação, porém não sabem como lidar, preferindo o silêncio, com medo de algum tipo de punição contra seus filhos por parte da escola. Sempre que são chamadas a participar nas reuniões ouvem somente reclamações a respeito de seus filhos, principalmente, sobre comportamento e aprendizagem. Acontecendo justamente o contrário com as famílias brancas, que recebem somente elogios sobre seus filhos contribuindo dessa forma para que as famílias negras se sintam inferiorizadas em relação as brancas. São famílias de camada baixa, onde 91% recebem cerca de um a dois salários mínimos e quase sempre alguma ajuda do poder público (Bolsa Família, Peti). Interessante observar que

97% das famílias negras pesquisadas se declaram como pardas ou morenas, reforçando o imaginário da democracia racial tão presente em nosso país ainda, em pleno século XXI.

Alguns dos autores que contribuem para o embasamento teórico desta pesquisa são: Thomas Squidmore, Lilia Moritz, Eliane Cavalleiro, Romão, Pinho, Castro, Santos, Giralda Seyferth, Norbert Elias, Muller, Iolanda de Oliveira, Kabengele Munanga, Regina Pahim Pinto, Norbert Elias, Hosenbalg e outros autores que abordam e discutem essa temática visando a formação de um ser humano que respeita as diferenças e impõe aprendizagens entre brancos e negros visando a formação de uma sociedade justa e equânime.

Referências Bibliográficas:

- BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo:Hucitec,1999.
- CAVALLEIRO, Eliane (org) Racismo e Anti-racismo na Educação, São Paulo, Sumos, 2001.
- _____ Do Silencio do Lar ao Silencio Escolar: Racismo, Preconceito e discriminação na Educação Infantil. São Paulo, Contexto, 2003.
- CUNHA, Henrique. A Indecisão dos pais em face de percepção da discriminação racial na escola pela criança, in cadernos de pesquisas Carlos Chagas São Paulo 1987.
- HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade Racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.
- MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º seminário Nacional Relações Raciais e Educação _ Penesb. RJ, 05/11/03.
- NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias Escolares, Estratégias Culturais e Classes Sociais. Notas em vista da construção do objeto de pesquisa. In Revista Teoria e Educação Nº 03, Porto Alegre, 1991.
- OLIVEIRA, Iolanda de. Desigualdades raciais: construção da infância e da juventude, Niterói, intertexto, 1999.
- SANTOS, Ângela Maria dos. Vozes e Silêncio do Cotidiano Escolar: análise das relações raciais entre alunos negros e não – negros em duas escolas públicas no município de Cáceres – MT. Cuiabá: UFMT/ IE, 2005.

TEIXEIRA, Moema de Poli. Família e Identidade Racial: os limites da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda. Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, 1986.